Diário de bordo

O AGRO NA BOLSA



Roberto Rodrigues*

A "DUREZA" econômica de 2014, com o triste resultado do PIB e a queda dos preços das principais *commodities* exportadas pelo Brasil, acabou afetando o valor das ações de empresas negociadas pela BM&FBOVESPA. O índice anual delas caiu 2,91% no ano. Para esta queda, contribuiu bastante a desvalorização de papéis de empresas como a Petrobras e a Eletrobras, por razões conhecidas.

E as empresas do agronegócio listadas na Bolsa tiveram queda bastante acentuada.

A redução do valor em dólar da soja, do algodão e do milho, por exemplo, levou para baixo as ações das principais companhias agrícolas que lidam com estes produtos. A que mais sofreu foi a Vanguarda, cujas ações caíram 67,5%, embora tenha ainda grande solidez. Uma poderosa empresa, a SLC, exemplo de gestão e tecnologia, perdeu 30% do valor de suas ações, enquanto a BrasilAgro amargou uma perda menor, de 3,81%.

Outro fator pesou nesta área: a seca que se abateu sobre as regiões Sul e Sudeste no período da safra passada. Queda de preço somada a queda de produtividade tira mesmo o fôlego de qualquer um.

A cadeia produtiva sucroenergética foi duramente afetada tanto pela seca (a produção do Centro-Sul caiu mais de 5% em relação ao ano anterior), quanto pela política governamental de segurar a inflação contendo o preço da gasolina. Isso produziu desequilíbrio na relação etanol/gasolina, em desfavor do primeiro. E, para piorar, houve, também, queda do preço do açúcar no mercado externo. Resultado: a única empresa listada do setor cujas ações valorizaram foi a São Martinho, com um aumento de 33,3% – espetacular diante da situação do mercado. Já a gigantesca Cosan perdeu 12,6% no valor de suas ações, embora siga também muito sólida, ampliando sua participação em outros setores além do sucroenergético, como em logística, infraestrutura e distribuição de combustíveis e energia.

A Biosev, da fortíssima *trading* Dreyfus, também amargou perdas: suas ações caíram 26,2%, bem como as da Tereos, uma importante cooperativa francesa, com menos 41%. Boa parte dessas perdas é reflexo da visão do mercado após a reeleição da presidente Dilma Rousseff, cuja gestão realmente prejudicou o setor.

Até as empresas de bebidas sofreram (a Ambev perdeu 2,3%), bem como as de fumo (como a Souza Cruz, com 13,4% de perda) e a Duratex (com menos 27,5%), do setor madeireiro.

É claro que essas quedas todas afetaram os valores das ações de fabricantes de insumos, como aconteceu com a eficiente Heringer, com queda de 22,5% no ano. Outras empresas de fertilizantes e defensivos não estão listadas na nossa Bolsa, e sim nas das suas matrizes.

O lado positivo ficou com as carnes. O aumento dos preços permitiu que as exportações de carnes rendessem quase US$ 17 bilhões em 2014, 3,72% a mais do que no ano anterior. Com isso, quase todas as empresas ligadas a carnes tiveram ações valorizadas. A campeã foi a Marfrig, com valorização de 58,40%, seguida da BRF, com 30,70%, e da JBS, com 31,06%. O único frigorífico com perdas foi o Minerva, cujas ações caíram 12,00%, em função de fortes investimentos realizados pela empresa, cujos resultados surgirão a partir deste ano. Aliás, este setor continuará crescendo: só a China deve aumentar o consumo *per capita* de carne em 9,5 quilos por ano até 2023!

Também as empresas de papel e celulose tiveram um ganho médio de 16,5% em seus papéis.

Em resumo, 2014 não foi mesmo um ano brilhante para as nossas empresas listadas, mas isso vai melhorar em 2015. O setor sucroenergético será beneficiado com a volta da CIDE e com o aumento da mistura do etanol na gasolina; os grãos já estão ajustados, assim como os insumos.

Uma boa notícia: a única IPO (oferta pública inicial) realizada no Brasil em 2014 foi de uma empresa de saúde animal, a Ouro Fino, com sede em Cravinhos-SP. Realizada em 20 de outubro, suas ações foram cotadas na data em R$ 27,65 cada e, em 30 de dezembro, já valiam R$ 30,68, valorizando 10% – um bom sinal dado por uma boa empresa. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, embaixador especial da FAO para as Cooperativas e presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)